

## **O QUE MUDA NA TRADIÇÃO? UMA REFLEXÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS PARA AS TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS.**

### **WHAT CHANGE IN TRADITION? A REFLECTION ON THE RELEVANCE OF SOCIAL MEDIA FOR THE AFRO-BRAZILIAN TRADITIONS**

**Érica Ferreira da Cunha Jorge**  
**Mestranda em Ciências Humanas e Sociais – UFABC**  
[ericafcj@gmail.com](mailto:ericafcj@gmail.com)

#### **Resumo**

O presente trabalho visa discutir o contexto e os conceitos da sociedade da informação segundo Manuel Castells, relacionando-os à abordagem de Andre Gorz no que concerne ao valor do conhecimento. Em um segundo momento, discutimos um site e um blog de um sacerdote que, dentro do campo religioso afro-brasileiro, tem possibilitado a modificação da estrutura religiosa e disseminação da tradição pela mediação tecnológica e compartilhamento de seus saberes.

**Palavras-chaves:** Sociedade da Informação, Valor, Religiões Afro-brasileiras, Mídias Sociais.

#### **Abstract**

The present paper discusses the context and concepts of society of knowledge according to Manuel Castells, relating this approach with Andre Gorz who emphasizes the value of knowledge. In a second point, the paper discusses one website and one blog elaborated by a priest of an afro-brazilian religion, who works for the transformation of this religious structure with the propose to diffuse his tradition through technologic mediation and sharing of knowledge.

**Keywords:** Knowledge society, Value, Afro-brazilian religions, Social Medias

## Introdução

A dualidade entre os conceitos modernidade e tradição já foi discutida sob diversas lentes. Nem sempre os trabalhos e pesquisas foram capazes de dar conta do emaranhado de relações entre os significados de modernidade e de tradição. Tampouco essa é nossa tarefa no presente trabalho. Aqui se pretende revisitar a abordagem castelliana sobre a sociedade da informação atrelando-a às ideias trazidas por Andre Gorz em *Imaterial – Conhecimento, valor e capital*, a fim de que essas discussões teóricas nos forneçam elementos para analisar o que ocorre no campo religioso afro-brasileiro, que vem se reconfigurando a partir das mídias sociais.

No Prólogo: a Rede e o Ser do livro *A Sociedade em Rede* Manuel Castells discute o retorno das identidades individuais e grupais justamente no período de maior globalização do planeta até o momento, em que as fronteiras físicas entre os países já não são mais rígidas, a distância se tornou menor e a questão espaço-temporal é redefinida e totalmente modificada com o advento da globalização principalmente após a segunda metade do século XX:

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significação social. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade e, em especial, a identidade religiosa e étnica tem sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. (Castells, 1996)

Embora o percurso planetário caminhe a favor da globalização, as identidades vêm sendo reforçadas, e dentro delas pontuamos a identidade religiosa. Em nosso caso particular enfocamos o ressurgimento ou acentuação da identidade religiosa afro-brasileira, a qual está profundamente ligada aos conceitos de tradição. A história da construção social da religiosidade afro-brasileira é bastante complexa haja vista que sua formação é proveniente de, pelo menos, três matrizes sócio-culturais, a africana, ameríndia e indo-europeia. Tal construção que passou por embates, luta por visibilidade e isonomia parece agora, que ganhou certa estabilidade, mas não rigidez. A identidade

religiosa vem se reconfigurando a partir do incremento das tecnologias da informação e de seu uso pelos agentes religiosos.

O advento da globalização que tem raízes muito mais longínquas foi acirrado a partir da inserção das novas tecnologias de informação e comunicação. Assim como MacLuhan chamou de “Galáxia de Gutenberg” o processo de difusão da máquina impressora no Ocidente, Castells chama o mundo atual da comunicação da “Galáxia da Internet”(Castells,2003:8), sendo a web um dos principais veículos para o redimensionamento social, econômico e cultural do planeta.

O que nos permite estranhamento é o fato de justamente no momento em que as fronteiras se dissolvem, que o trânsito virtual é mais acentuado e a troca de informações, mercadorias e capital ocorre cada vez com mais densidade, as identidades individuais e grupais deixam de ficar na periferia das relações, mas se reorganizam. É a dicotomia Rede x Ser, ou seja, os nós e a identidade planetária de um lado forjada no termo rede e o indivíduo no outro, centrado no Ser.

Particularmente no que diz respeito ao estudo das religiões de afro-brasileiras, essa é uma dicotomia importante. A identidade afro-brasileira talvez esteja em seu momento de maior plenitude, ou pelo menos de visibilidade da mesma. Embora no campo antropológico outras sejam mais cabíveis, especialmente para esta temática, tomo emprestada de Castells a definição sobre identidade, “processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (Castells, 1996:57-58).

As religiões afro-brasileiras são tidas como tradicionais, entendendo por tradição uma vinculação com a oralidade e não por preceitos imutáveis e estanques. Assim, o olhar forâneo, seja este civil ou acadêmico, observa tais religiões como ligadas à terra, à natureza, ao fetiche, e não mutáveis pois seguiriam em seus rituais a mitologia e ancestralidade de divindades, portanto, não teriam espaços ou porias que facilitassem as transformações religiosas. O argumento é que se a tradição religiosa se estrutura a partir de preceitos sobrenaturais, como pode ser mutável? Podem os homens, dentro do princípio de imanência e não de transcendência, alterar o curso da tradição? De fato, a cosmovisão afro-brasileira está assentada em mitos africanos (especialmente os

yorubás), mitos indígenas e também mitos da vertente indo-europeia. Entretanto, embora a estrutura religiosa dos mitos sistematizada nos ritos e no *ethos* próprio dessas religiões seja basicamente a mesma, a forma de praticá-los pode diferir radicalmente dependendo da percepção que cada sacerdote tiver. Isso fica evidente quando encontramos, especialmente dentro do universo religioso afro-brasileiro, as religiões Tambor de Mina no Maranhão, os Xangôs do Nordeste, os Candomblés da Bahia, o Batuque no Rio Grande do Sul, a Umbanda no sudeste entre outras.

Mas o que está em jogo não é a forma com que cada uma dessas religiões a pratica ou organiza suas leituras ritualísticas, mas quais os meios disponíveis para que a tradição se transforme e se modifique. E é justamente nessa medida que encontramos e posicionamos os autores Manuel Castells e Andre Gorz, pois se o primeiro fez um grande estudo sobre a sociedade da informação e a disposição em rede das relações sejam estas econômicas, culturais ou sociais, o segundo abordará que nesse período o valor é dado não apenas ao trabalho material, mas principal e acentuadamente no trabalho imaterial, no conhecimento, no saber. A relação dos dois com a temática afro-brasileira reside no fato de que esta tradição religiosa vem se modificando por meio das mídias sociais e pela posição colaborativa dos seus sacerdotes que disseminam seus saberes gratuitamente. Dessa forma, a identidade afro-brasileira vem se reconfigurando a partir da rede.

## **1. Sociedade da Informação**

Muitas são as terminologias que procuram definir ou contextualizar a sociedade atual. Segundo Gorz os anglo-saxões falam do nascimento de uma *knowledge economy* e de uma *knowledge society*, os alemães de uma *Wissensgesellschaft*, os autores franceses de um “capitalismo cognitivo” e de uma “sociedade do conhecimento” (Gorz, 2005:15) O fato é que atualmente o conhecimento é a medida de todas as coisas, a força produtiva principal.

O nascimento da internet foi um processo que viabilizou em larga escala a expansão do domínio do conhecimento como valor básico e essencial para a sociedade pós-capitalista. O desenvolvimento da Internet foi um movimento coletivo iniciado a

partir de uma fusão de estratégia militar, avanços científicos e tecnológicos visando a inovação contracultural. A origem se deu em um dos institutos de pesquisa mais avançados do mundo, a Agencia de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do departamento de defesa dos Estados Unidos. Uma das estratégias, após o lançamento do primeiro *suptnik*, foi criar um sistema de comunicação invulnerável aos ataques nucleares. O sistema possibilitava agir sem os centros de comando para que as mensagens procurassem suas próprias rotas.

Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de sons, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controle. A universalidade da linguagem digital e a pura lógica das redes do sistema de comunicação geraram as condições tecnológicas para a comunicação global horizontal. (Castells, 1996: 82).

A partir de então estava anunciada a era da sociedade da informação. Inicialmente existiram obstáculos sendo um dos principais a capacidade de transmissão, a qual era insuficiente para instituir uma teia mundial de comunicação. A inovação do processo comunicacional via rede só foi possível porque por trás do desenvolvimento da internet havia redes científicas, institucionais, grandes universidades e grupos de pesquisas especializados em tecnologia. Castells sustenta que essa elite que possibilitou que a internet aparecesse representou apenas um lado da história, o mais enfatizado. Entretanto, relembra a importância do movimento contracultura surgido nos Estados Unidos. O modem, por exemplo, elemento fundamental no sistema, foi uma das descobertas tecnológicas inventadas por este grupo que, inicialmente era chamado de “the hackers” (Castells, 1996:86).

Outro salto qualitativo foi a difusão da internet para a sociedade em geral por volta dos anos noventa. A criação do aplicativo *world wide web* (www) ocorreu em Genebra num dos principais centros de pesquisas físicas do mundo, Centre Européen pour Recherche Nucleaire (CERN) e, segundo Castells, essa lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente.

De certa forma, a internet está atrelada ao novo paradigma tecnoinformacional, bastante abordado por Helena Maria Martins Lastres a qual pontua nossa economia atual como economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. Segundo ela

estamos passando por um período de intensas mudanças, inovações de todos os tipos, novos produtos e insumos como, por exemplo, as tecnologias de informação que exigem novas formas de organização, produção just-in-time, mercados internacionalizados e desregulados etc. Tais mudanças introduzem novos procedimentos e para que o novo ocupe espaço é necessário dominar uma heurística diferente, métodos de resolver e controlar problemas, em vários âmbitos.

As transformações das duas décadas finais do século XX provocaram mudanças nas formas de produção e distribuição de informação e conhecimentos, expondo a dificuldade dos enfoques teóricos clássicos em abranger toda a complexidade da situação atual. Dentre todas as contribuições teórico-conceituais que auxiliam no entendimento da importância da informação e do conhecimento na economia a dos economistas da inovação e do conhecimento, associados à escola neo-schumpeteriana, é a mais abrangente. A teoria econômica neoclássica considerava a tecnologia como fator externo e como uma mercadoria que poderia ser vendida, transferida. Além disso, pressupunham que informação era o mesmo que conhecimento. Já a escola da inovação neo-schumpeteriana defende a importância de esforços para a geração de novos conhecimentos e sua difusão no sistema produtivo, pois entende que esse processo conduz ao surgimento de inovações, fator-chave para o desenvolvimento. A escola da inovação distingue informação de conhecimento e, especificamente quanto ao conhecimento, difere-os em tácitos e codificados no que se refere à forma de adquiri-los e transferi-los.

As novas tecnologias da informação e comunicação estão inseridas no conceito de paradigma tecno-econômico, arcabouço conceitual que caracteriza o que se convencionou chamar de “paradigma tecno-econômico das tecnologias da informação” e nas décadas seguintes, teorias associadas à economia da informação, do conhecimento e do aprendizado. O paradigma é resultado de uma série de inovações que causam impactos e influencia na economia, o que ocorreu com o surgimento da internet mencionado anteriormente. O paradigma indica o resultado do processo de seleção de uma série de inovações (técnicas, organizacionais, institucionais) que provocam transformações e permeiam toda a economia, influenciando o comportamento da mesma.

Anteriormente citamos o surgimento da internet e a revolução que a mesma causou na sociedade global e podemos argumentar que o impulso para o desenvolvimento de um novo paradigma tecnoeconômico é resultado de avanços da ciência e pressões competitivas e sociais com objetivo de superar limites do crescimento do então padrão estabelecido, inaugurar frentes de expansão e sustentar a produtividade e lucratividade. (Lastres, 1999). Lastres cita algumas inovações que impactaram e modificaram a estrutura econômica e social, como a máquina à vapor, a energia elétrica e agora, as tecnologias da informação.

O novo paradigma é, portanto, uma resposta encontrada pelo sistema capitalista para o esgotamento de um padrão de acumulação baseado na produção em larga escala de cunho fordista que se estruturou pela dominação e manipulação de recursos naturais como se os mesmos fossem finitos. A crise do petróleo foi apenas um dos exemplos deste anterior modelo. Está claro que a abundância da exploração dos recursos naturais não está resolvida e gera abalo em todo o sistema, seja este ambiental, cultural e econômico. Mas o paradigma tecnoeconômico atual se apresenta uma boa alternativa, pois informação e conhecimento são recursos básicos em qualquer sistema de inovação vinculado ao desenvolvimento e, particularmente, porque são recursos que não se esgotam.

A “nova” economia possui uma diferença substancial da “anterior”. Os termos aparecem entre aspas, pois há um debate sobre o continuismo de um modelo ou a ruptura efetiva do mesmo. De qualquer maneira, a Revolução Industrial transferiu a força humana para as máquinas enquanto a Revolução Informacional transfere experiências e capacitações incorporadas em softwares. Com base nisso alguns pesquisadores adotam esta como a economia com base intensiva em conhecimento ou economia da inovação perpétua. A partir do panorama apontado sobre a sociedade da informação e a nova economia pautada neste paradigma, a próxima sessão discute o valor do conhecimento nesse contexto a partir da abordagem de Andre Gorz.

## **2. Qual o valor do conhecimento? Onde está o saber?**

Vimos anteriormente que a sociedade, a economia e as relações sócio-culturais atuais tem como princípio ou domínio fundamental o conhecimento. Desde Adam Smith, o trabalho material foi tido como unidade principal para o desenrolar da economia e passível de mensurar em unidades de tempo. Na economia atual os empresários, donos de grandes incorporações e organizações não concedem status ao tempo despendido pelo trabalhador, mas antes a motivação e a ação comportamental do indivíduo perante o contexto empregatício. As relações trabalhistas passam sim por sua legislação, cumprimento de horário, tempo semanal, jornada de trabalho entre outros, mas a relevância tem sido colocada ao capital humano.

O conhecimento sempre esteve na base de todas as economias, isto não é um fato novo. O diferencial está na capitalização do conhecimento, ou seja, o conhecimento humano hoje pode facilmente ser passível de formalização, abstrair-se de seu suporte (o homem) e ser multiplicado na forma de um software, por exemplo. Entretanto, sua vantagem ou valor mercantil tende a zero.

Na sociedade atual, o conhecimento torna-se um bem comum acessível a todos. Uma autêntica economia do conhecimento corresponderia a um comunismo do saber no qual deixam de ser necessárias as relações monetárias e de troca. (GORZ, 2005:10). Nessa perspectiva a multiplicação de dinheiro não representa riqueza e chega-se ao ponto de questionar até o que é riqueza para a sociedade atual. O sistema capitalista tem como base a lucratividade a partir do domínio dos bens de produção que, em sua maioria, são de posse de uma elite empresarial (propriedade privada). Tal sistema político-econômico, embora tenha criado processos de inovação que levaram ao desenvolvimento econômico em muitos países, não foi capaz de sanar problemas de ordem social e cultural, alargando as diferenças entre países centrais e periféricos. Ainda que haja uma redefinição no cenário internacional, com a China, Índia, Brasil entre outros que se apresentam como possíveis economias estáveis, os mesmos também apresentam indicadores sociais muito baixos quando comparados a países como Suíça e Noruega. O capitalismo trouxe, portanto, um desarranjo do poder rentário entre vários países e quando alguns conseguiram se sobressair, isso não foi diretamente proporcional às capacidades básicas para exercer as funcionalidades que os indivíduos consideram necessárias às suas vidas. (Sen, 2000).

Assim, o momento é de repensar o que é riqueza. Na mesma linha de Amartya Sen, Gorz afirma:

(...) o conceito de riqueza deve ser desatrelado do conceito de valor mercantil e que a pergunta “O que é riqueza?” deve ser recolocada. Somente uma outra economia pode quebrar as correntes com que a obrigação de aproveitamento restringe a satisfação das necessidades e o desenvolvimento das capacidades humanas. (Gorz, 2005: 11).

Isto é o que está subentendido no movimento antiglobalização que visa desconstruir a atitude egoísta da privatização do saber e do conhecimento, destacando-se, por exemplo, o movimento do software livre. Este prima pela distribuição de softwares que podem ser usados, estudados, copiados, modificados e redistribuídos sem restrição. Aqui está em cheque a dominância do padrão em que a racionalidade se coloca acima de todas as coisas e no qual o saber científico é hegemônico e excludente.

### **3. A tradição religiosa afro-brasileira e o capital humano disseminado**

Anteriormente apresentamos algumas idéias de Manuel Castells e Andre Gorz no que diz respeito à sociedade da informação, do conhecimento, em rede e do valor imaterial. Nesta última sessão do trabalho trazemos à discussão um exemplo prático em que o saber ou o conhecimento vivenciado é disseminado gratuitamente corroborando para a ideia de uma comunidade colaborativa em que a mesma sofra alterações positivas em sua estrutura religiosa.

O suporte que analisamos foi o site da Faculdade de Teologia Umbandista e o blog de seu fundador, Francisco Rivas Neto. A instituição mencionada foi devidamente autorizada e credenciada pelo Ministério de Educação e Cultura em 2003 e atualmente está em processo de reconhecimento e credenciamento. Sua principal atividade é o bacharelado em Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras, mas também abriu este ano a pós-graduação *lato sensu* em Teologia de Tradição Oral, compondo um corpo docente formado por diversas instituições de ensino superior, como USP, PUC, UNICAMP, UFJF, UFMA entre outras.

As religiões afro-brasileiras são pautadas na tradição oral, método em que se pressupõe o contato ou transmissão de conhecimentos do sacerdote para com seus filhos ou iniciantes, uma epistemologia ou como o sacerdote lê a realidade religiosa e uma ética própria que possibilita a releitura da tradição aplicada ao contexto particular (os ritos específicos que cada sacerdote acha mais conveniente realizar).

A epistemologia das religiões afro-brasileiras tem uma ampla gama de significados, por meio da linguagem simbólica e polissêmica, mas todas têm seu alicerce em três instâncias: o natural constituído na natureza, incluindo a humana; o social, que se estabelece na comunidade terreiro e na comunidade planetária; e a terceira, o sobrenatural. A tradição oral, que é uma característica que perpassa todas as escolas como meio do método de transmissão, tem como base as três instâncias acima citadas e permite que cada grupo construa mediante suas características específicas, a ressignificação da cosmovisão, a releitura que melhor atenda aquela coletividade. Não imputa uma única forma de conhecimento. A transmissão oral sempre considera o indivíduo, a coletividade onde está inserido e sua relação com o Orixá e tem como base para a conexão destas realidades os ritos de fundamento. (Rivas; Carneiro; 2011b)

Por escolherem como método a oralidade, as religiões afro-brasileiras são caracterizadas pelo seu policentrismo (por não possuírem uma única fonte de tradição) e multirreferencialidade (todas as comunidades-terreiro são legítimas no exercício da prática religiosa). Por estas razões antropólogos como Procópio Camargo e Patrícia Birman refletiram sobre a sistematização e identidade dessas religiões. O primeiro considerou que havia um *continuum* entre a Umbanda e o Kardecismo que se efetivava pela crença no sobrenatural manifesto na mediunidade e a segunda considerou que o transe representava o eixo unificador de todas essas práticas. O fato é que muitos consideram que as religiões afro-brasileiras não possuem identidade, o que não procede. A identidade existe, mas está em constante reelaboração, uma vez que cada sacerdote tem autonomia de criar, estruturar e organizar sua metodologia religiosa, diferente das tradições religiosas abraâmicas pautadas em livros sagrados (bíblia, corão, torá) e que possuem ritos predeterminados e imutáveis:

Compreender o método da tradição oral das religiões afro-brasileiras, requer uma reformulação de pontos fundamentais presentes no ocidente. A sociedade moderna tem sua referência histórica nas religiões abraâmicas, que preconizam a tradição escrita, pela qual temos profundo respeito e sabemos ser o norte de milhões de pessoas no planeta. (Rivas; Carneiro. 2011b)

Francisco Rivas Neto, sacerdote e fundador da Faculdade de Teologia Umbandista afirma que pensou na instituição como forma de dar voz às identidades religiosas afro-brasileiras visando a isonomia das mesmas perante outras tradições e teologias. Além disso, reconhece que é digno apreciar religiões que foram tão importantes para a formação religiosa de nosso país (Rivas Neto, 2003).

Mas sua inovação não reside apenas na ousadia em fundar uma instituição de ensino superior pautada na tradição oral, embora também discuta essa questão:

Alguns podem imaginar que permitir o ingresso ao meio acadêmico da Teologia de Tradição Oral poderia promover um empirismo ou pragmatismo que desdenhasse do método científico, depreciando o conhecimento superior como um todo. Opostamente a este ideia, acreditamos que trazer o Saber Religioso das religiões afro-brasileiras para o nível acadêmico é uma oportunidade de fazer um estudo sistematizado deste saber, promovendo o debate e o intercâmbio com outros ramos do conhecimento, como o científico, filosófico e o artístico. (Rivas Neto, 2003).

Sua expressividade está em como transmite os saberes das religiões afro-brasileiras e articula diversos sacerdotes do Brasil e do exterior nas mídias sociais. Como afirmamos anteriormente baseada em Castells e Gorz, nossa sociedade hoje tem como norte a informação e a articulação do conhecimento. O valor não está mais na produção material, mas no capital humano. Do ponto de vista religioso isto fica ainda mais evidente, entretanto, talvez pelo fato da religião estar intrinsecamente ligada ao poder, é muito difícil ver conhecimentos ou saberes disseminados gratuitamente.

O blog *Espiritualidade e Ciência – A interdependência entre espiritualidade, saúde e sustentabilidade* – foi criado em 2010 e, desde sua fundação, disponibiliza textos duas vezes por semana sobre assuntos diversos. Uma pesquisa feita recentemente e apresentada em forma de comunicação oral no IV Congresso Afro-brasileiro de Umbanda do século XXI e I Congresso Internacional das Religiões Afro-americanas, mostrou que ao lançar as palavras religiões afro-brasileiras no Google, 60% do tráfego virtual é conduzido para o site da FTU e para o blog de seu fundador. (Rivas; Carneiro. 2011).

O site da Faculdade de Teologia Umbandista é institucional e apresenta informações sobre a instituição, os cursos, artigos de produção acadêmica de alunos e professores, além das informações básicas dos docentes. Sua linguagem é científica

contando, inclusive, com uma revista digital de difusão acadêmica. Na página principal há um quadro com algumas estatísticas e pode-se observar que há um número bastante elevado para as visualizações de conteúdo: 69.231 visualizações. Se compararmos este número com outras tradições ou mesmo com outros ramos do saber científico, obviamente que o número será ínfimo, entretanto, quando analisada apenas a perspectiva afro-brasileira o número indica um elevado trânsito para este domínio (ftu.edu.br).

Recorrendo ao relatório “Painel de Controle” do site podemos extrair algumas informações: 18,87% dos usuários acessam por tráfego direto, 21,20% por sites de referência e 59,93% por mecanismos de pesquisa. Em outras palavras, percebe-se que a grande parcela que acessa ao site chega até ele fazendo pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras. Os acessos são provenientes de vários países e não apenas o Brasil, o que demonstra que há uma demanda externa pela temática e, em certa medida, ela tem sido encontrada neste endereço até por se tratar de uma instituição de ensino superior, o que lhe confere maior credibilidade. Alguns exemplos de países que acessam o site são: Portugal, Estados Unidos, Alemanha, França, Cabo Verde, Argentina, Uruguai e Chile.

Já o blog *Espiritualidade e Ciência* possui uma linguagem intermediária entre a acadêmica e a religiosa, uma vez que o lema de F. Rivas Neto é a aproximação entre o saber científico e o saber religioso. Assim, além da linguagem estabelecer uma média entre os dois saberes, o conteúdo dos textos, vídeos e fotos que são disponibilizados é bastante variado. Seu fundador, além de sacerdote afro-brasileiro há 40 anos, também é médico cardiologista, e, portanto, sua contribuição vai desde a discussão de temas relevantes sobre a tradição religiosa afro-brasileira como assuntos ligados à saúde e sustentabilidade biopsico-social, daí o nome do blog.

Uma busca pelo site Google lançando as palavras “blog” e “religiões afro-brasileiras”, alguns endereços de blog são mencionados. Para este trabalho foi realizada uma empírica a fim de analisar o número dos membros dos blogs o que nos levou a comprovar a hipótese inicial de que o blog *Espiritualidade e Ciência* é o primeiro em número de participantes. Uma possível resposta para o fluxo tão grande que é conduzido a este blog diz respeito ao conceito trazido por Clay Shirky sobre o excedente cognitivo, ou seja, o tempo que as pessoas dedicam para fazer outras coisas que não trabalhar. Em

*A cultura da participação*, Shirky argumenta que a web propicia a redução de tempo necessário e custo para as pessoas se articularem, trocarem informações e experiências, uma “nova” mídia que dá espaço ao excedente cognitivo, o tempo que as pessoas disponibilizam para participar (não politicamente apenas) em uma atitude colaborativa. (Shirky, 2008).

Isso foi extremamente comprovado quando analisamos o blog *Espiritualidade e Ciência*, já que esta mídia social tem possibilitado uma reestruturação da tradição religiosa, que antes ficava reservada apenas às comunidades-terreiro Brasil afora. O material áudio-visual e textual postado semanalmente tem possibilitado que as pessoas, adeptas ou não das religiões afro-brasileiras, se manifestem e reformulem sua forma de pensar e até mesmo de julgar essas tradições, o que é comprovado pelos vários comentários enviados ao “dono” do blog.

No que se refere ao valor imaterial, a discussão se torna ainda mais evidente. Mencionamos acima que tais tradições são pautadas na oralidade e, sobretudo, na vivência do sacerdote, com seu iniciante e por sua vez com a comunidade-terreiro:

(...) é vital na transmissão oral a experiência vivenciada, a vivência concreta. Estar vivendo, pois trata-se do ato vivo da construção da história pessoal que se entrelaça com a história de sua comunidade terreiro, com a natureza e com os Orixás. (Rivas; Carneiro. 2011b)

Assim o conhecimento e a experiência do sacerdote são a centralidade da tradição, pois é por meio deles que a mesma pode continuar e se reatualizar. Sem a experiência vivenciada, sem a bagagem que cada sacerdote construiu e carrega a tradição religiosa afro-brasileira estaria findada. Mais do que nunca o conhecimento-saber é o valor:

A questão do “valor” dos saberes e dos conhecimentos deve ser posta à luz das observações que a precedem. Os saberes são parte integrante do patrimônio cultural, são competências comuns da vida cotidiana. (...) O saber é, antes de tudo, uma capacidade prática, uma competência que não implica necessariamente conhecimentos formalizáveis, codificáveis. (...) O saber é aprendido quando a pessoa o assimilou ao ponto de esquecer que teve de aprendê-lo. (Gorz, 2005: 32).

Assim, a postura colaborativa do sacerdote ao escrever e manter as publicações e outros materiais do seu blog viabilizam que pessoas, adeptas ou não, possam pensar e reformular a própria prática religiosa. Foi também, por meio do blog, que muitas

comunidades-terreiro existentes fora do país entraram em contato e procuraram dar suas contribuições. Os sacerdotes de outros estados ou de outros países cederam entrevistas explicando seus rituais, imagens e vídeos sobre suas metodologias religiosas a fim de elucidar como entendem a cosmovisão afro-brasileira e afro-americana. Para a comunidade científica o blog é um material de pesquisa muito grande principalmente para as áreas de antropologia e sociologia.

## **Considerações Finais**

O trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento sobre a mudança religiosa existente a partir da inserção das mídias sociais no campo religioso por seus agentes.

Na sociedade atual grande parcela dos usuários faz uso da rede como forma de estabelecer diálogo, obter visibilidade, divulgar trabalho, mas particularmente nesta proposta analisamos como a utilização de um site e um blog possibilitou alterações na estrutura religiosa afro-brasileira. Ainda que este seja um parecer inicial, não resta dúvidas de que o uso feito pelas religiões afro-brasileiras está vinculado à idéia de reforço da identidade, o que Rousiley Maia chama de redes de memória ativa (Maia, 2007).

As abordagens de Andre Gorz e Clay Shirky também colaboram para a pesquisa uma vez que o sacerdote produtor do site e do blog constrói os conteúdos em momentos fora de seu ambiente profissional (clínica médica), ou seja, produz materiais textuais, audiovisuais com uma postura colaborativa aos demais envolvidos, o que Shirky denomina de excedente cognitivo. Os conhecimentos-saberes do sacerdote são disseminados a partir dos conteúdos criados o que nos leva também a compor o cenário da sociedade atual, em que o valor está no imaterial (Gorz, 2005) nos conhecimentos tecidos ao longo da vida, nas experiências sentidas e digeridas e que são impossíveis de desvincular da pessoa produtora de conhecimento.

## **Referências**

CASTELLS, M. A Sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. O poder da Identidade. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GORZ, A. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

LASTRES, Helena Maria Martins; FERRAZ, João Carlos. Economia da Informação, do Conhecimento e do Aprendizado. In: Informação e Globalização na Era do Conhecimento In: LASTRES, Helena M.M; ALBAGLI, Sarita (orgs).. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MAIA, Rousiley. Redes cívicas e internet: efeitos democráticos do associativismo. LOGOS 27: Mídia e democracia. São Paulo, ano 14, 2º semestre 2007.

RIVAS, Maria Elise; CARNEIRO, João Luiz. Teologia com ênfase nas Religiões Afro-brasileiras: sua construção epistemológica e interação na esfera pública. Artigo apresentado no XXIV Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. Belo Horizonte, 2011.

RIVAS NETO, F. Histórico da Implantação e Desenvolvimento da Instituição. Disponível em <http://www.ftu.edu.br/ftu/ftu/historico.html> Acesso em 25 de novembro de 2011.

SEM, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHIRKY, Clay. Cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.